

GRAZIELLA

Título original:
Graziella

© desta tradução: Minotauro, 2025

Autor:
Alphonse de Lamartine

Tradução e introdução:
Ricardo Mangerona

Revisão:
Luís Afonseca

Capa:
Susana Villar

Imagem de capa:
Graziella (1878) – Pintura de Jules-Joseph Lefebvre (MET, 87.15.111)

ISBN:
978-989-92-0443-0

Depósito Legal n.º

Paginação:

MA

Impressão e acabamento:
?????

para
Minotauro
Novembro de 2025

MINOTAURO, uma chancela de Edições Almedina, S.A.
Avenida Emídio Navarro, 81, 3.º D
3000-151 Coimbra – Portugal

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível
de procedimento judicial.

GRAZIELLA

LAMARTINE



MINOTAURO

Índice

Introdução

Como construir uma ruína	9
Capítulo primeiro	23
Episódio	31
Capítulo segundo	67
Capítulo terceiro	87
Capítulo quarto.	107
O primeiro desgosto (<i>Le premier regret</i>)	159

Introdução

Como construir uma ruína

Há livros que têm um cheiro muito característico. Não se trata do saboroso cheiro do papel, meio achocolatado, que dá a certos livros velhos o gostinho especial de bolo da avó, ideal para uma tarde de chuva. Esse é o cheiro de fora. Varia com a edição, a idade e outras condições materiais inerentes à manufatura do livro-objeto. Refiro-me a outra ordem de odores que é quase, ou devia ser, um campo autónomo da semiótica. Está por fundar uma ciência olfatológica da leitura, que Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser se esqueceram de teorizar quando lançaram as bases da estética da receção. Fala-se por vezes na musicalidade das sílabas, na cadência da prosa que reverbera no ouvido independentemente da semântica, mas os livros também têm um cheiro que vem de dentro das palavras.

Graziella é um livro estival, muito doce. Cheira intensamente a sol, a sal, a peixe; às vezes, a flores, a um pouco de vinho e a manjerição. São cheiros que enchem a barriga só de os ler. Inebriam e, a espaços, enjoam o leitor mais cerebral do que sensível. A ação ressuma uma ingenuidade chã, pueril como a quer o narrador; as personagens formam um pequeno e delicado ramalhete de botões escolhidos a dedo, cada uma obedecendo ao seu destino com uma franqueza graciosa; e o